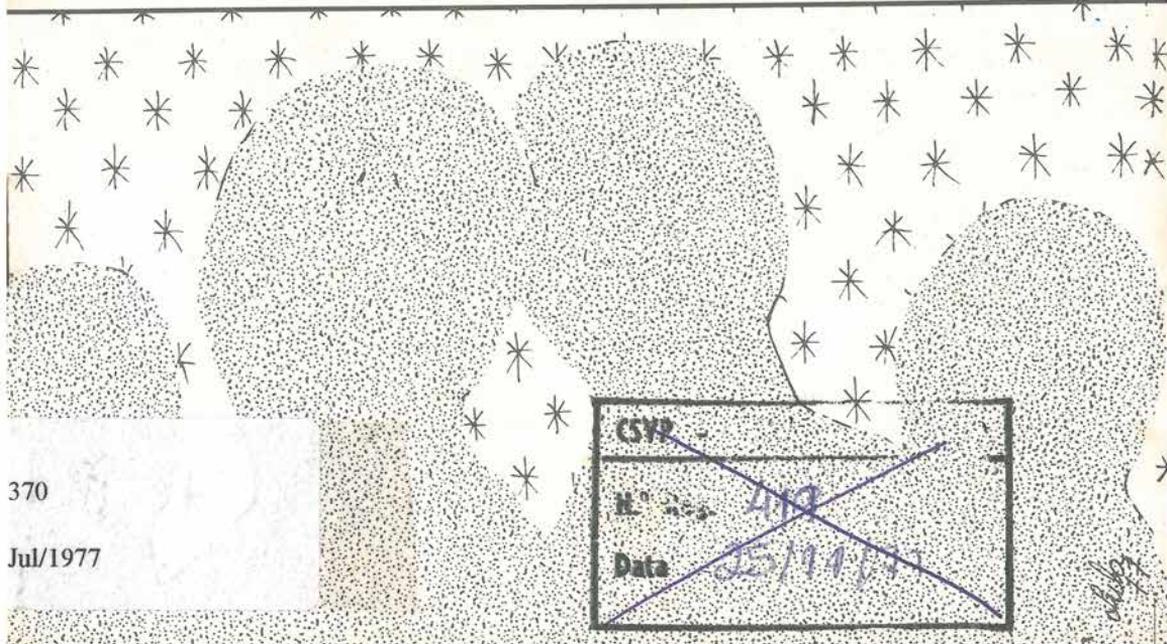
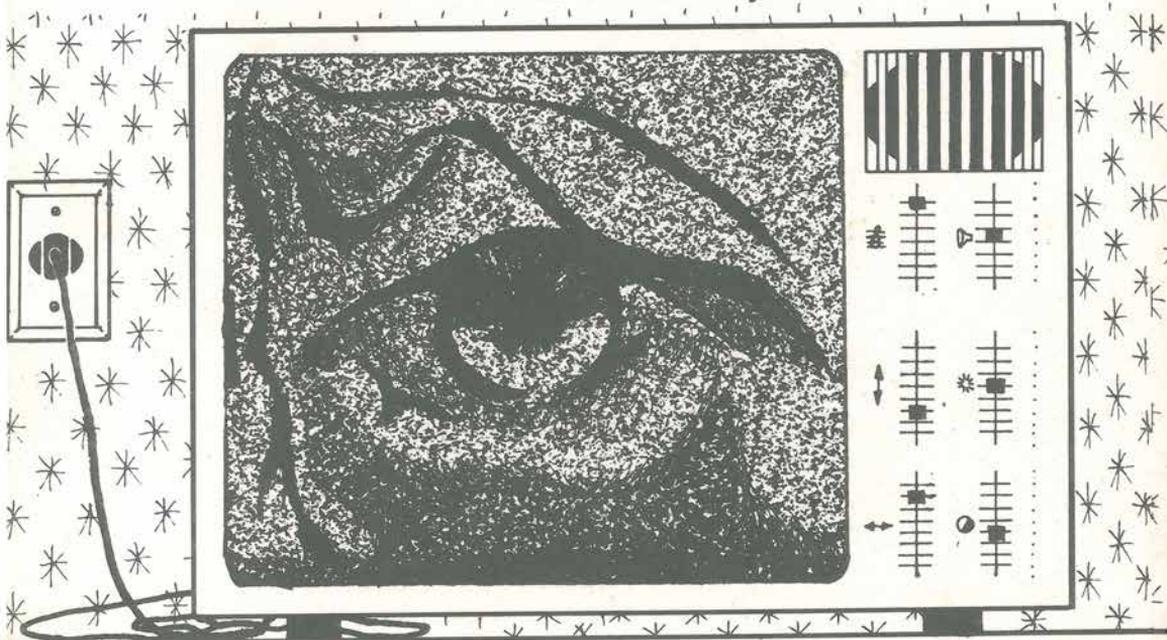




A CHAMA

ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES
DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

Ano V — nº 19 — junho de 1977

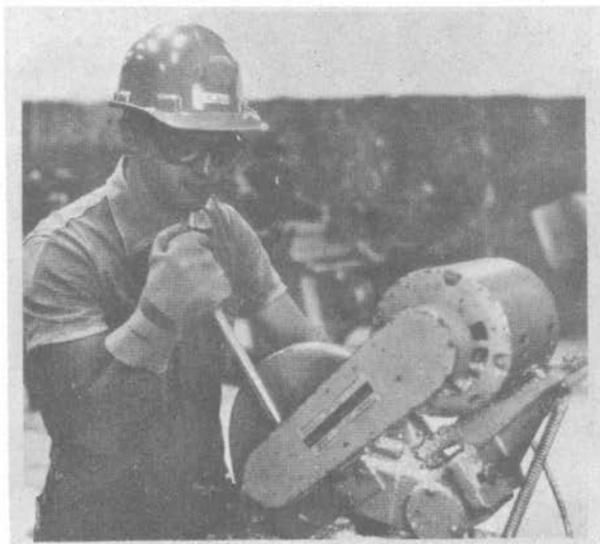


370

Jul/1977

CSVP
N.º 19
Data 15/11/77

A SEGURANÇA COMEÇA PELA MARCA



NORTH

Indacol

James North do Brasil S.A.
EQUIPAMENTOS PARA SEGURANÇA INDUSTRIAL

SÍMBOLOS DE SEGURANÇA

A linha North-Indacol de equipamentos de proteção individual inclui produtos que atendem a todas as necessidades de segurança da moderna e complexa indústria de nossos dias.

Entretanto, não tem sido essa variedade o que tem colocado em destaque os equipamentos North-Indacol e sim as características de qualidade que

cada um de seus produtos apresenta por si mesmo.

Para cada tipo de equipamento foram investidas décadas de experiência e foram desenvolvidos métodos e processos de fabricação que tornaram a segurança, o conforto, a durabilidade e a adequação ao trabalho as características comuns aos produtos North-Indacol.

Endereços:

(Fabrica) **Rio de Janeiro**
20.000 Rua Malinbré, 421
Fones (021) 261-0858 e

(Vendas) **São Paulo**
01154 Rua Conselheiro Brotero,
478 Fones (011) 66-7827
e 66-2831

Representantes em todo o Brasil

LUVAS DE PVC ● CAPACETES ● ÓCULOS ● CAPAS E JAPONAS ● AVENTAIS ● PRODUTOS DE RASPA, LONA E VAQUETA
● RESPIRADORES ● BOTAS ● PROTETORES AURICULARES ● TALHAS DE SEGURANÇA ● LUVAS DE PVC ● CAPACETES

NÃO PERCA TEMPO!

**Pense nisso agora. Não deixe para o fim do ano:
O CED RESOLVE O PROBLEMA DE REABILITAÇÃO DO ESTUDO
DE SEU FILHO,
DENTRO DOS MELHORES PADRÕES DO ENSINO ATUAL
A MELHOR OPÇÃO PARA ALUNOS DE 1º e 2º GRAUS QUE:**

- * foram transferidos
- * têm dificuldades nas matérias
- * não conseguem se concentrar

ORIENTAÇÃO NOVA E DINÂMICA que assegura
aproveitamento integral
proporcionando base nas matérias e organização
nos estudos.



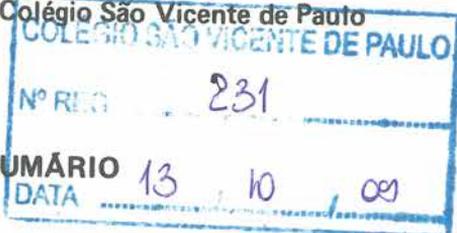
CED – Centro de Estudos Dirigidos
Rua General Polidoro, 83 sobrado – tel: 226-0517
Botafogo – Rio de Janeiro – RJ



A CHAMA

Volume V — nº 19 — junho de 1977

Revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo



EXPEDIENTE

A CHAMA

Rua Cosme Velho, 241 — tel: 285-0631
Laranjeiras — 20.000 — Rio de Janeiro — RJ

Produção e Impressão

Altiva Gráfica e Editora Ltda.
Rua General Caldwell, 316
Tel.: 252-5576 — Rio de Janeiro

Diretora Responsável

Maria Célia Bustamante

Supervisão Editorial

Pe. José Pires de Almeida

Capa e Desenhos

Maria Lúcia (Lula)

Contato de Publicidade

Edison de Souza Saenz

Colaboradores

Pais e Professores

Os artigos assinados são de exclusiva
responsabilidade de seus autores.
Não devolvemos originais. Aceitamos
permutas com revistas do gênero.
Tiragem: 2.000 exemplares.

Circulação Dirigida

Supletivo	2
Editorial	3
Prelo	4
Falam os Pais	5
Entrevista	6
Farias	9
Extra Classe	10
Yazigi	11
Absurdos e Contradições	12
Educação Nossos Compromissos	
Internacionais	14
PIC	15
Coordenação em Foco	16
Livro Fator de Desenvolvimento	17
Quadrinhos	18, 19
Papo Livre	20

SUPLETIVO

Se você passar pelo S. Vicente, à noite, verá o prédio todo iluminado, e o 2º e 3º andares ocupados por 400 alunos que se distribuem por 10 salas de aula. É o curso Supletivo de 1º grau que funciona para adultos. São rapazes e moças, homens e senhoras que, depois de passarem o dia nos mais diversos trabalhos, se entregam à noite ao estudo. São brasileiros do Rio, do Nordeste, da Bahia, de Minas, do Espírito Santo, que aqui enfrentam a luta do dia a dia pela sua subsistência, numa concorrência desumana de mercado de trabalho.

Como nasceu o Curso Supletivo? No dia 13 de abril deste ano, comemoramos quatro anos de vida. Qual foi a sua história? A comunidade dos padres do S. Vicente sempre questionou a obra de um colégio que se dedicava a uma elite da sociedade, em confronto com a finalidade primeira da Congregação de S. Vicente que era promover a evangelização dos pobres.

Ainda mais, em 1968, os bispos católicos latino-americanos, reunidos em Medellin, Bogotá, lançaram um apelo veemente em favor do "vasto setor de homens marginalizados da cultura, privados do benefício da comunicação". O Documento reclamava um desenvolvimento integral do homem e de todos os homens na grande comunidade latino-americana.

Movido pelo ideal da Democratização da educação, o S. Vicente se abriu para essa classe de alunos. Contando inicialmente com pessoas de boa vontade, ligadas ao colégio, o Supletivo começou a funcionar com poucas turmas de alfabetização. Em dezembro de 1976 já se formava a 1ª turma de oitava série.

Qual a filosofia do Supletivo? Justamente o que prega o Documento de Medellin: "Capacitar os homens para que, eles mesmos, sejam autores do seu próprio progresso, se desenvolvam de maneira criativa e original". A meta do Supletivo é chegar ao ponto de, não apenas transmitir conhecimentos, mas levar os alunos a desen-

PRECISA-SE

Técnico Químico: 6.000,00 por mês +

Técnico Eletrônico: salário em aberto

Técnico Industrial: Exigimos curso pr

Técnico Assi... Oferecemos as

Técnico... profissiona

Técnico... cursos espe

Técnico... sistência m

Técnico... férias pagi

Técnico... por mês.

Técnico... salário em



volver sua personalidade na liberdade e responsabilidade, na aquisição do senso crítico, numa visão geral do mundo e numa integração consciente à realidade.

Para atingir esse ideal humano e cristão, nós nos questionamos a cada momento sobre como descobrir novos valores nesta sociedade em constante mudança. Colocar o homem no caminho de sua libertação traz como conseqüências a desinstalação e o conhecimento de nós mesmos; só podemos dar aquilo que possuímos. Isto exige de nós um renascer diário, através do diálogo que deve ser a base da autêntica educação. "Ser mais" torna-se hoje, cada vez mais difícil em conseqüência da sociedade pragmatista, edonista, materialista, do "ter mais".

O Supletivo exige de nós verdadeira doação cristã; a parábola do Samaritano nos desperta para o sentido real da educação hoje que é encontrar o outro marginalizado, levá-lo e carregá-lo num relacionamento amigo, estimulando-o a assumir com responsabilidade sua missão social na Construção de um mundo mais humano e fraterno.

José Fernandes da Silva
Prof. de Português da 7ª e 8ª fases.

Volta à baila o divórcio. Reabrem-se as discussões. Reacendem-se os ânimos. Entrechocam-se os pontos de vista. Quem é contra, continua contra. Quem é favor, continua a favor. O diálogo torna-se impossível. Mas, nesse momento cabe à aqueles que são Igreja tomar uma posição e definir uma atitude. Como órgão oficial da Associação de Pais e Mestres de um Colégio católico A CHAMA não pode se omitir. Seria bem mais cômodo silenciar. . .

A estabilidade do casamento, isto é, do vínculo que une um homem a uma mulher, é, sem dúvida, fator de segurança, não só para o equilíbrio emocional de ambos, como para o desenvolvimento harmônico e integral do elemento novo que surge desta união: a família.

Quem de livre e espontânea vontade se apresenta diante, de um juiz para assumir perante a lei compromisso de uma união, legal deve estar bastante consciente de sua opção, pois, tal atitude é fato social que não lhe afeta apenas como indivíduo, mas como parte de um todo no qual está inserido: a sociedade.

Esta, nós sabemos, é regida por normas consensuais que visam ao bem comum acima do bem individual. As exceções à regra são minoria e como tal não podem prevalecer sobre o bem estar coletivo e sobre o consenso geral.

Psicologicamente, a instabilidade do vínculo eliminaria qualquer esforço para a busca de um conhecimento maior do outro, para a compreensão das falhas mútuas e para o perdão dos erros, muitas vezes involuntários. A diferença do modo de ser do homem e da mulher nos planos afetivo, psíquico e sexual é uma prova evidente de que a convivência a dois não é fácil. E de que está a exigir continuamente uma atenção e um esforço por parte de ambos, para que ela se torne agradável, feliz e duradoura.

Deus é Amor, Como Amor Ele define a relação que deve estar na origem da união do homem e da mulher. Amor com A maiúsculo, cuja permanência resiste à ação do tempo e, em virtude de um dinamismo que lhe é próprio, tende a crescer cada vez mais.

Combatendo o divórcio, a Igreja está lutando pela sobrevivência do Verdadeiro Amor, tão necessário para o bem da humanidade. Cabe aos católicos, o dever de apoiá-la e de assumir como Igreja uma atitude definida.

Caso venha a ser aprovado, que ele seja aceito como desafio pelos casais cristãos. Desafio que vai exigir de cada um de nós uma ação apostólica mais intensa, sobretudo juntos aos jovens, para lhes dar um testemunho constante das verdadeiras dimensões do Amor.



- **EDUCAR PARA O FUTURO** — Jean Piaget e outros. Fundação Getúlio Vargas. Rio.

Problema da educação no mundo contemporâneo. Caminhos da renovação do ensino. Concepção mais ampla do processo educativo. Educação não isolada do desenvolvimento socioeconômico e cultural das nações; não reservado a uma fase da vida. Alterações profundas nos métodos de ensino vigentes na maior parte dos países do mundo. Estudantes e ação social; participação na política educacional. Educação integral, que visa acompanhar o homem ao longo de sua existência.

- **COSMOVISÃO** — Editora Vozes. Pequena coleção: 8 livrinhos de cerca de 50 páginas cada. Fáceis. Atraentes. Questionar, é o espírito da coleção. O mundo não é nenhuma máquina de precisão, em que cada parte age no todo de maneira determinada, única, perpétua, imutável. A nova ciência exige uma nova cosmovisão, na qual cada fenômeno se estrutura num conjunto de relações onde tudo se interage, tudo influencia e sofre influência, nada é estático nem constituído uma vez por todas.

Alguns dos livrinhos:

- Mutações em educação segundo McLuhan (já citado aqui). (Lauro de Oliveira Lima).
- O espelho mágico (José Ângelo Gaiarsa). Um fenômeno social chamado corpo e alma. O "dentro" aflora no corpo que fala. O "fora" está dentro na alma que se esconde: conflito.
- Brasil: laboratório racial (Newton Freire-Maia).
- Mulher-Objeto de cama e mesa (Heloneida Studart). A autora não prega a rebeldia: sugere que a mulher não se deixe ficar debilóide. . .

- **FORMAÇÃO DO HOMEM** — Maria Montessori. Portugal Editora/Brasil.

A autora, educadora italiana mundialmente consagrada, tem por escopo, oferecer, de maneira simples, mas segura, uma visão do que seja o Homem, de como se processa seu desenvolvimento desde a fase embrionária e como cuidar de sua formação como pessoa humana, contribuindo com subsídios valiosos com todos aqueles que se preocupam com a educação no sentido mais amplo, sejam os professores ou os pais.

Wander F. de Paula
Orientador Educacional

FALAM OS PAIS



"A PROPÓSITO DA REUNIÃO DE PAIS E COLÉGIO"

A oportunidade da reunião na qual foram abordados vários e complexos problemas ou questões importantes relacionados com os nossos filhos, demonstra o acerto dessa iniciativa.

Não podemos, hoje mais do que ontem, e amanhã, talvez mais do que hoje, deixar de ver e enfrentar ou discutir os nossos posicionamentos, nossas orientações ou mesmo nossos pontos de vista diante de tantos dilemas com que nos defrontamos.

Já a reunião em si foi um progresso e uma tomada de posição; mas da forma em que os diversos e variados assuntos foram abordados, é evidente que além de um progresso houve uma oportuna e feliz abordagem de conscientização.

Todos os assuntos, em seus mais variados aspectos, representaram algo. Pudemos, então, sentir que algum ou alguns deles, aparentemente sem importância, traziam em seu bojo inquietações por estarem sendo vividos pelos que os apresentavam, mas que não nos eximiam de nos alcançar algum dia.

E a continuação dos encontros, como o já marcado, se não é indício do acerto deles, é uma promissora oportunidade de relacionamento e mútuos esclarecimentos.

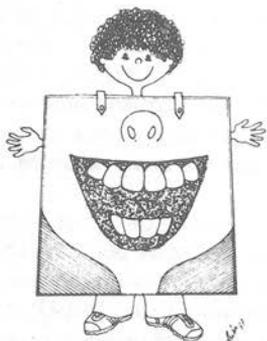
Catharina do C.A. Mannarino

ODONTOLOGIA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ana Maria F. de Andrade
CRO 4907

Margarida Octalia M. Boechat
CRO 4975

LARGO DO MACHADO, 29 - SALA 1028
ED. GALERIA CONDOR - TEL. 205-0684



ENTREVISTA

*Concedida especialmente à A CHAMA
pelo Pe. Vicente Zico*

Assistente Geral da Congregação da Missão

- 1) Faz um ano um pouco mais, o Sr., no exercício da sua missão em Roma, veio ao Brasil, em companhia do Superior Geral, para visitar o pessoal e as obras da sua Congregação. O Colégio São Vicente os recebeu, na ocasião, e os Srs. foram informados das nossas atividades. Pode dizer-nos as impressões que levaram?

R. Realmente, estivemos aqui em 75, eu em visita oficial aos coirmãos das três Províncias do Brasil, e o Sr. Pe. Geral convidado especialmente a tomar parte num Encontro Interprovincial no Rio. Uma espécie de Assembléia parcial da Congregação, que contou com a presença de Lazaristas também de outros países da América Latina.

Nosso contato com o Colégio S.Vicente se deu em duas circunstâncias sobretudo: ouvindo uma exposição do Pe. Almeida e encontrando-nos com os professores e alunos do Curso Supletivo. Posso lhe garantir: a impressão levada pelo Pe. Geral desses dois contatos foi muito boa e tem durado até hoje. Não faz muito tempo — lembro-me que foi por ocasião de uma reunião extraordinária do Conselho Geral, em novembro, quando costumamos fazer em Roma a avaliação dos nossos trabalhos — o assunto dos colégios dirigidos pela Congregação veio à baila: as dificuldades das Províncias em sustentá-los e, sobretudo, em lhes dar um sentido de atividade evangelizadora. Ora, foi ele quem espontaneamente veio com os argumentos, pondo em relevo a missão possível nos Colégios, e os seus "argumentos" foram tópicos da exposição ouvida no Rio, "feita pelo Pe. Almeida". . .

Aqui no Rio, durante o Encontro, quem participou ouviu: para o Sucessor de São Vicente "a simples presença nossa em meio dos alunos merece ser considerada como valiosa ação missionária. Nosso trabalho pastoral aí nem se limita a um pequeno número de alunos — o Colégio S.Vicente os tem numerosos — mas multiplica-se irradiando em tantas famílias, com as quais estamos em contato freqüente".

Do Encontro com o Curso Supletivo, lembro-me de um pormenor que achei significativo — foi ele saudado em inglês por uma aluna (o Pe. Geral é americano, e, por onde ele havia andado no Brasil até aquele dia, essa era a 1ª vez que o saudavam na sua língua); a sua resposta foi um gesto de delicadeza, enquanto costumava expressar-se em francês por toda parte, confiado na tradução portuguesa do seu Assistente, aqui ele fez questão de falar em português, no que aliás não se saiu nada mal! Era também a 1ª vez que ele falava na

nossa língua. E o seu discurso, o Pe. Almeida deve de tê-lo arquivado por aí. . .

Também desta 2ª forma de contato com o Colégio S. Vicente eu lhe garanto: a nossa impressão, a dele a minha, foi ótima, e nunca esqueceremos o prazer que essa iniciativa do Colégio nos proporcionou. O Curso Supletivo, como autêntica promoção dos nossos irmãos pobres, levada avante sob a coordenação dos nossos padres, é muito de São Vicente, realiza perfeitamente os fins da nossa Comunidade.

2) De Roma havemos de esperar naturalmente — ou sobrenaturalmente? — “Algo mais. . .” A gente procura, daqui, acompanhar e ler o que o santo padre diz: lá, o Sr., escuta direito as suas mensagens, e vive em condições privilegiadas para aprofundá-las ou refletir sobre elas. Que nos comunicaria, hoje, de lá para a APM?

R. Devo ser breve, e não vai ser fácil. Sem ter a pretensão de dizer alguma coisa de novo, vai aqui simplesmente uma palavra, primeiro às famílias, aos pais dos alunos; em 2ª lugar, aos professores; em 3ª lugar, aos “Pais e Mestres” enquanto unidos em Associação, i.é., animados do mesmo interesse e preocupação relativamente aos alunos do Colégio São Vicente.

1. Faz uns dois meses, eu estive numa audiência geral. O Santo Padre, entre as diversas saudações que costuma fazer, dirigiu-se mais longamente a um grupo de jovens casais. Isto é freqüente, em Roma, nas audiências das quartas-feiras.

É difícil querer apresentar o número de vezes que o Papa se tem referido à missão da família. Alguns dos seus pronunciamentos foram claramente ocasionais, provocados pela circunstância da introdução da lei do divórcio na Itália e pelas discussões em torno da legalização do aborto, ou, em 75, sugeridos pela idéia do “Ano da mulher” como foi proclamado pela ONU.

No dia 22 de setembro do ano passado, um grupo numeroso de casais das “Equipes de Nossa Senhora” foi recebido em audiência e a mensagem daquela manhã reveste-se de importância especial, por causa da sua extensão e pela profundidade do que então falou o Santo Padre. Um documento, a meu ver, belíssima explanação de um parágrafo da “Exortação Evangelíi Nuntiandi” dedicado à missão das famílias cristãs (parág. 71).

Realmente, a ação evangelizadora da família é posta ali em realce: “No matrimônio, como estado de vida. . . procura-se antes de tudo o bem estar, a felicidade do casal e dos filhos. . .; mas a instituição está voltada para os outros, é feita para o bem alheio”. “Cada casal cristão, cada lar de cristãos proclama, já com sua simples existência, que Deus é amor e quer o bem da humanidade”. A vivência cristã no matrimônio “é igualmente um testemunho que se dá e uma missão que se cumpre” em

favor dos outros. Dos outros casais, antes de tudo. O Santo Padre parece, de fato, ter pensado sobretudo na possibilidade de influência e apoio das famílias cristãs sobre outras famílias: "Efetivamente, hoje, a maior parte dos casais tem necessidade de ser ajudados", diz ele.

A visão que nós devemos ter do papel das famílias na sociedade, creio que se pode ter das palavras que o Papa dirige aos padres, no fim da sua alocução. "Dêem o melhor de sua competência, das suas forças e do seu zelo pastoral a este privilegiado campo apostólico".

2. Deixe-me prosseguir, aqui, na mesma ordem de idéias, isto é, de ação evangelizadora das famílias, para falar também dos professores. "A educação das crianças e dos adolescentes é um campo aberto à evangelização", esta é igualmente a convicção de Roma e de toda a Igreja quanto à missão dos professores de um colégio. Seria lugar comum dizer que eles completam e prolongam a missão dos pais. Comprometidos com a promoção integral dos seus alunos, orientam-se pela consciência de que "é necessário fazer desabrochar a sua capacidade humana e cristã muitas vezes escondida e asfíxiada" — assim se expressa Paulo VI na "Evangelii nuntiandi".

Aqui, eu gostaria de acenar para a filosofia da educação, assumida e seguida pelo nosso Colégio São Vicente. A decisão de assumí-la, e a formação de uma consciência comum no sentido de uma esclarecida filosofia da educação libertadora foi uma opção corajosa e um trabalho admirável que honram muito a "família do Colégio".

3. Pais e Mestres devem unir-se para uma obra comum. Esta união parece existir no São Vicente. Só posso felicitar a APM pelo que ela significa e vem, de fato, realizando, até hoje, em benefício do nosso Colégio.



3) O Sr. e o Pe. Chaves participaram da última reunião da diretoria da APM, que achou?

- R. — Primeiramente, gostei muito, e agradeço ao Pe. Almeida a lembrança que teve de nos convidar.
- Tive a impressão de estar, ali, num ambiente de pessoas que pareciam amar o Colégio como coisa sua, interessam-se por ele de maneira muito concreta, e a ele se dedicam cordialmente. Um ambiente que cativa!
 - Vocês trataram “problemas” da revista “A CHAMA”. Não guardei, de memória, os “problemas”, o que eu gostei de ver foi a imagem de um trabalho de equipe que vocês deram, ocupando-se da revista. E... dou-lhe um depoimento sincero: acho “formidável” esta “CHAMA” de vocês!
 - Não tinha conhecimento daquilo que o Pe. Chaves recordou, com o seu “discursinho”, quando nos falou do reconhecimento, pelo Governo, da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente como “modelo de APM”. (Aqui o Pe. Vicente se refere ao fato de ter a Diretoria do Ensino Fundamental do MEC ter solicitado ao Pe. Almeida a elaboração de um documento sobre a APM do São Vicente para posterior publicação). Associando-me ao louvor, felicito-os e faço votos de vitalidade constante e sempre crescente para o movimento de simpatia e de dedicação ao Colégio S. Vicente, movimento que a APM vem encabeçando, dirige e anima tão bem!



O FARIAS, QUEM DIRIA!

O Farias? Aquele “bicho-papão”? Convidado, porque especialmente querido, pela 65 para acompanhar os alunos na excursão à Araruama.

E acompanhou em grande estilo. Jogou bola com o pessoal, dirigiu pedalinhos, “curtiu” aquele banho na Lagoa, esguichou incríveis banhos de mangueira na turma (o que ajudou a adiar o banho de verdade), cantou e pôs “moral” nos adultos que vinham no mesmo ônibus que nossos estu-

dantes e não apreciaram a algazarra alegre e sadia dos moços.

Testemunhos do colegial, presente à chegada dos viajantes à rodoviária, disseram:

— “É a conversão do Farias!”

Conversão do Farias... Crescimento na medida do educador. E, com ele, crescemos todos nós, da comunidade de educadores do São Vicente.

Bravos a você, professor Farias.

*Maria de Lourdes
Coordenadora SOE*

EXTRA-CLASSE

I – CINEMA: A nova diretoria do Grêmio Ginásial, tem procurado sempre valorizar as produções nacionais. Três filmes já foram apresentados, culminando com "S. Bernardo", de Leon Hirszman

II – MÚSICA: Também na área musical procura-se valorizar nossas origens, com apresentações de programas puramente brasileiros. Ainda há pouco, dia 19 de maio aconteceu uma noite excelente, com o grupo "Coisas Nossas" interpretando exclusivamente obras de Noel Rosa.

III – CONCURSO DE CRÔNICAS: Orientado e apoiado pela equipe de Língua Nacional, este concurso tem tudo para ser de grande validade. Mais uma oportunidade para se revelarem ou se afirmarem os valores criativos dos alunos, de 6ª, 7ª e 8ª séries. Sua realização será durante o mês de junho.

IV – ESPORTES: Em andamento o III Torneio de Futebol Ginásial. Com certeza, o que reuniu maior número de atletas até hoje. Trinta times, com um total de 192 jogadores inscritos. Aqui o futebol é um fator de aproximação, motivo de prazer e de competição sadia.

V – TEATRO: O grupo do Ginásio está intensificando seus últimos preparativos para a remontagem do espetáculo que encerrou suas atividades teatrais do ano que passou.

O espetáculo "FAZ ESCURO MAS EU CANTO", é uma colagem de textos que reúne poemas de João Cabral de Mello Neto, Cecília Meireles, Thiago de Mello e Chico Buarque de Holanda, com a participação de: Ana Bernstein; Betse Palmeira de Paula; Branca Camargo; Luís Eduardo Prata Costa; Maria Idália Góes; Maria de Lourdes Calainho; Moacyr de Góes Filho; Raquel de Andrade; Rogério Tavares; Thays Piau Cury.

Equipe Técnica: Edgar Hoffman e João Carlos Velho.

Direção: Prof. Almir Telles.

VI – DANÇA MODERNA: Já apareceram os primeiros interessados nesta arte. Aguardamos outras inscrições, para que possamos encontrar um profissional competente, tal qual ocorreu na área teatral.

VII – ENCONTROS: Além dos tradicionais encontros semanais realizados pelo S.O.E., com as turmas 8ªs séries, dias 14 e 15 de maio a turma 82, integrada por expressivo número de alunos (26) e acompanhada do mestre de classe Trovão e professores Waldir e Sergio Drago, promoveu seu primeiro encontro de fim de semana em Petrópolis, em residência do aluno Marcelo Figueiredo. Como sempre, tudo correu magnificamente, e logo este grupo se reunirá novamente para conviver mais um pouco em ambiente de total descontração e amizade.

VIII – ILUMINAÇÃO DO CAMPO DE AREIA: A iluminação do terreno anexo (campinho de areia) está chegando. O pontapé inicial foi dado pelo Sr. Oscar Sjostedt (pai de Ricardo – 1ª Colegial) que nos ofereceu os postes de concreto. Estes postes já estão colocados, restando agora a aquisição de refletores e demais complementos, que estão orçados bem alto. O vice-presidente da APM, Sr. Francisco Albuquerque está com um dos orçamentos conseguidos e está contando com pessoas de suas relações para ver se consegue diminuir o montante desse material elétrico. Fazemos aqui uma chamada a todos que possam nos ajudar a adquirir rapidamente esse material, para que possamos todos, ganhar mais um local noturno.

IX – CANTINA: Já para todos, uma grata satisfação a permanência do Anísio Xavier no comando da cantina do Colégio, agora bem mais funcional com seu desmembramento. Excelente pessoa, em pouco tempo de convívio, Anísio tornou-se um amigo de todos, sempre distinguindo professores, funcionários e alunos com ótimo atendimento.

Eu penso em inglês.



**Logo,
eu falo
inglês.**

 **YÁZIGI**

LARGO DO MACHADO, 29 Gr. 522
TEL. 225-7432



ABSURDOS E CONTRADIÇÕES

Sempre me perguntei a mim mesmo por que motivo a lei, os decretos, os contratos, enfim, os fatos jurídicos, que se fazem para o povo, não se acham ao nível do povo. Sempre temos de recorrer a um advogado para que não nos vejamos envolvidos pela malícia ou vivacidade das partes interessadas. Por que a lei não apresenta uma redação suficientemente clara a ponto de uma pessoa simplesmente alfabetizada poder entender? Impossível? Alguém já tentou? Ironicamente diria eu que tudo isso não passa de meio de vida para os advogados. Verdade? Brincadeira séria? Desconhecimento de minha parte das razões que justificam a redação tão difícil aplicada a nossas leis? Trata-se de razões de ordem técnica?

Digamos que sim. Se verificarmos, entretanto, com calma e um pouco de atenção, notaremos que existe um ligeiro contra-senso, porquanto uma linguagem técnica, por sua natureza, se dirige a um grupo restrito, específico. Entende-se que os termos técnicos de arquitetura, por exemplo, se destinam aos iniciados ou aos que lidam nesta profissão. Não se exige, obrigatoriamente, que os profissionais de outras áreas conheçam os termos próprios, específicos da arquitetura.

Isto já não serve para os termos jurídicos, ou melhor, para a linguagem usada em nossas leis. Por que? Só uma pequena parcela da população vive diretamente presa a arquitetura, ao passo que qualquer pessoa da sociedade ou do campo, de classe baixa ou alta, de qualquer profissão sempre se acha ligado a um aspecto jurídico embora simples. Quem nunca firmou um contrato de aluguel, uma hipoteca? Quem nunca fez um empréstimo bancário? Quem nunca pôs nada em seguro? Agora, perguntamos: quem entende a linguagem jurídica? Só mesmo um advogado com experiência. Eis o contra-senso. Fez-se a lei para o povo e o povo não entende tal linguagem. Estamos diante de um absurdo também no campo da comunicação, porque toda a mensagem deve visar e dirigir-se ao seu receptor, ajustando-se a todas as circunstâncias deste para que se torne eficiente e proveitosa.

Particularmente, nunca entendi e aceitaria de bom grado uma explicação para a existência de tal fenômeno. Admito um desconhecimento de minha parte, mas garanto que outras pessoas também o desconhecem porque já busquei inutilmente uma explicação em várias conversas.

Este fato, entretanto, não se mostra isolado. Não culpemos, se meu raciocínio estiver certo, apenas os pobres redatores de nossa vida jurídica. Seu erro não constitui uma exclusividade. Existem outros absurdos e até mesmo contradições mais sérias.

Nos meus dez anos contínuos de professor de português, em vários níveis da escala estudantil, sempre me chamou a atenção e até mesmo me choca ainda hoje o fato de não encontrar, ou melhor, de não ouvir declaração de aluno dizendo que gosta de estudar português. Ora, pela observação da vida, sabe-se que existem gostos mesmo para as coisas mais exóticas. Por que o estudo da língua portuguesa não conta com admiradores? Acho e sempre achei tratar-se de um problema muito sério. Não haverá explicações? O problema se acha na própria língua, nos gramáticos ou nos professores?

Não creio que se possa destacar entre estes réus qual o responsável isolado. A causa do problema merece mais atenção e observação. A vítima está à mostra: o próprio aluno. Mas algum dos réus apontados acima me parece antes vítima também: a própria língua.

Sempre me perguntei, desde aluno, por que motivo a gramática, feita para o aluno e dirigida para o povo, não se acha ao nível do aluno ou do povo. Por que a gramática não apresenta uma linguagem clara, precisa, de fácil compreensão para qualquer pessoa que, pretendendo falar ou escrever de modo sistemático, possa usá-la?

Dentro de nossa realidade social, econômica e cultural, os concursos, as provas constituem uma ponte (obstáculo?) inegável. Em todos eles a língua portuguesa aparece como uma exigência fundamental. Onde o povo deve procurar as normas, as diretrizes da correção gramatical senão na própria gramá-

tica? Onde encontrar a gramática feita e ajustada ao povo, seu receptor, e razão de ser desta própria gramática? Caso semelhante ao das leis. Isto nos mostra um verdadeiro absurdo.

Absurdos existem em todos os campos. Creio que jamais teremos sua eliminação total. Alguns, entretanto, podem desaparecer quando a causa tornar-se perceptível e atingível. Diziam os latinos que "sublata causa tollitur effectus", ou melhor, conhecida a causa, acaba-se o efeito. (Se quiserem, logicamente). Ninguém me convence de que as normas gramaticais não podem vir redigidas de modo claro, ao alcance do povo. Creio, realmente que haja problemas de outra ordem, mas, no fundo, impossibilidade não há.

Assim como o povo, não entendendo as leis quanto à redação, recorre a advogados, da mesma forma, não entendendo a linguagem das gramáticas, recorre a professores. Por que a gramática não apresenta uma linguagem suficientemente clara? Impossível? Ironicamente diria que tudo isso não passa de meio de vida para professor de Língua portuguesa. Brincadeira séria?

Dizia eu acima que absurdos sempre existem. Mas... e as contradições? Também existem, não se pode negar. Qual a função básica, principal de um professor? Acho que a pessoa menos ilustrada afirmaria, de saída, que cabe a ele explicar (= *ex-plicare*, ou melhor, dobrar para fora, abrir, mostrar, esclarecer). Vem aí a contradição.

Desde minha época de ginásiano, meus professores de português, como acho que os de todos os brasileiros, não passaram de leitores e copiadotes de gramática no quadro negro (verde!). Cheguei à faculdade, parti para a pós-graduação. Quais as mudanças? Mudaram os copiadotes, uns simpáticos outros antipáticos: esta a grande variedade. Eis a causa de nossos alunos não gostarem de estudar a Língua portuguesa, que permanece recebendo a caracterização antiga de Bilac "... inculta e bela".

Os tempos mudaram, os alunos são outros. Não podem os professores permanecer os mesmos, os métodos têm de se ajustar. A vida moderna, com excesso de ofertas em todos os campos, tornou os alunos um tanto divididos por estes apelos, próprios da di-

menção existencial em que todos vivemos. Antigamente, bastava tratar-se de uma norma para surgir a obediência cega. Atualmente, se tem mais senso crítico e o aluno exige uma razão, um porquê, um motivo. Nossos professores continuam, entretanto, donos de uma didática caduca, ineficiente.

A Língua, coitada, nada tem a ver com isso. Por eufemismo nossos alunos dizem que não gostam da "matéria" português. Visto o problema de frente, pergunto eu: não gostam da matéria ou não gostam do ensino do português? Dizem que não gostam da matéria porque não tiveram jamais uma noção clara e precisa dela. Aí está o motivo de pensarem assim.

A Língua, como qualquer ciência, contém estruturação lógica. Existem fundamentos para suas generalizações, para suas conclusões. O fato lingüístico não corresponde a uma gratuidade como parece aos nossos alunos. Ela exige apenas alguém que lhe penetrem nos fundamentos, nos alicerces e vejam toda a sua estruturação.

Nós professores, muitas vezes e talvez sempre, não passamos de papagaios, repetidores inconscientes dos preceitos gramaticais. Por que não se mostra aos alunos a estrutura interna da palavra, seus morfemas devidamente estruturados dentro de uma lógica exata como de fato acontece? Por que não se mostra aos alunos que os verbos (imprescindíveis em qualquer frase) se acham dentro de um esquema de desinências comuns a quase todos, em vez de considerar estes verbos realidades estanques? Por que dissociar análise sintática (tão condenada por quem não lhe entende a função na estruturação do pensamento) da realidade da vida, observável e concreta? Por que não existe gramática argumentada? Por que as aulas não ultrapassam as gramáticas? Qual a causa? Muito simples: isto exige estudo, aprofundamento. Daí Bernard Shaw dizer que: "quem sabe faz e quem não sabe ensina".

O que se ouve por aí? Hoje, dizem as pessoas; os alunos não sabem falar, não sabem expressar uma idéia completa. Eis o efeito. Estamos convictos, entretanto, de que há um empate: dois réus — gramáticos e professores e duas vítimas — a Língua e os alunos. Eis os absurdos e as contradições.

EDUCAÇÃO: NOSSOS COMPROMISSOS INTERNACIONAIS



Ver o ensino profissionalizante apenas como uma exigência burocrática da Lei 5692/71 é ter uma ótica míope.

Na realidade o Brasil subscreveu a Recomendação 150, de 4 de junho de 1975, da OIT (Organização Internacional do Trabalho), que deverá, brevemente, ser referendada pelo Congresso Nacional. Isto significa que o Brasil assumiu compromissos de ordem internacional a propósito de sua política de educação:

O que se pede ao Brasil, na letra "a", do item 9, do capítulo III da referida Recomendação 150 da OIT é:

"ajudar as crianças e adolescentes que freqüentam a escola a que apreciem o valor e a importância do trabalho e que compreendam o mundo do trabalho e se familiarizem com as condições de trabalho no maior número de ocupações possíveis, levando em conta as oportunidades de emprego e carreiras a que possam ter acesso e com os requisitos necessários para o aproveitamento das referidas oportunidades."

E, mais adiante, noutra letra "a", esta do item 11 do mesmo capítulo, está recomendando:

"chamar a atenção dos jovens da importância de que escolham formação geral e profissional tendo plenamente em conta as possibilidades de emprego existentes e as tendências, assim como suas aptidões e interesses pessoais".

Esta Recomendação, aprovada na 60ª Conferência Geral da OIT, com o voto do Brasil, é mais profunda do que as anteriores que abordavam orientação e formação profissional separadamente: a 87, de 1949 e a 117, de 1962.

A atual 150, de 1975 (que agrupa num só documento orientação e formação profissional), demonstra as mudanças rápidas que estão se operando nos processos educacionais dos países membros da OIT.

Busca-se, com a Recomendação 150, que a Educação esteja atenta para assegurar o acesso ao emprego produtivo; desperte a capacidade criadora do educando; promova a eficiência no trabalho. No mundo do trabalho, propriamente dito, ela procura proteger o trabalhador do desemprego e dos riscos profissionais; aspira que o trabalho seja uma satisfação em si mesma para o homem que produz; reafirma o direito da mulher trabalhadora de igualdade de emprego face aos homens.

A todos, segundo a OIT, devem ser asseguradas iguais oportunidades de orientação e formação. E a todos os trabalhadores devem ser asseguradas as possibilidades efetivas de retorno ao sistema educativo.

Essa "rua de mão dupla" está de acordo com os princípios da educação permanente.

A OIT chama a atenção para que as políticas e programas de OP e FP estejam coordenadas com os grandes programas de desenvolvimento social e econômico, tendo em vista, ainda, a cooperação internacional e melhor entendimento dos problemas técnicos, científicos, econômicos, sociais e culturais.

Com estas colocações fica claro, pelo menos para nós, que o profissionalizante não é apenas o capricho de uma lei ou o sonho do Padre Vasconcellos. Ele é a opção possível para trazer a educação brasileira para sua contemporaneidade. Agora, se a formação especial está sendo implantada de forma incompetente, inadequada, inviável — isto é outra conversa. . . Por outro lado, a reversibilidade do Profissionalizante e/ou a derrogação da 5.692/71 significará, a nosso ver, mais uma derrota dos educadores, pois demonstrará a sua falta de sensibilidade para visualizar os novos tempos.

. . . "se familiarizem (os educandos) com as condições de trabalho, maior número de ocupações possíveis", "a importância de que

COORDENAÇÃO EM FOCO



REUNIÕES

Os pais de nossos oitavanistas já conhecem o sistema dos encontros que se realizam às 6as. feiras. Sistemáticas porque periódicas, mas muito flexíveis e informais quanto à dinâmica de trabalho e a gama de conteúdos.

Em todas as reuniões de pais de 8as. séries, a preocupação com este instrumento de reflexão e formação veio à tona sempre, sempre partindo deles.

Já concluímos a primeira rodada de encontros. O Anézio que responde por eles como dinamizador ou facilitador do trabalho está feliz quanto aos resultados.

Não sei se motivados por estes encontros ou movidos pela consciência da necessidade de uma convivência mais pessoal, de maior troca, mais solidária, que ultrapasse a simples coexistência obrigatória de sala de aula, eles caminhavam para os encontros na casa de alguns, colegas de turma.

Todas as 4 turmas realizavam esta experiência.

Turma 83 — na casa de Ma. Joana Roquette, em Ipanema — 7-5-77. Estiveram 19 presentes.

Turma 84 — na casa de José Pedro Roquette — 7-05-77. A turma quase toda — 39 presentes.

Turma 81 — na casa de Andréa Serra — 12-05-77. Também presença maciça — 39.

Turma 82 — na casa de Marcelo Figueiredo — em Petrópolis. Passaram sábado e domingo. Participaram deste: Trovão, Waldyr e Sergio Drago — 14-5-77.

CONSELHO DE CLASSE

A cada dia cresce mais na consciência de nossos hábitos a gravidade do Conselho de Classe.

É um momento grave. Grave, porque avaliar é medir; medir é julgar; julgar é tarefa por demais difícil. Faz-nos tremer.

É velha a sabedoria: "NÃO JULGUEIS, PARA NÃO SERDES JULGADOS". E acrescenta: "HIPÓCRITA, POR QUE VÊS O CISCÃO NO OLHO DE TEU IRMÃO E NÃO REPARAS O ARGUEIRO NO TEU OLHO?" E mais: "MÉDICO, CURA-TE A TI MESMO".

Por tudo isto, avaliar tem que ser um ato de humildade. Qualquer julgamento dos outros, se é que temos o direito de fazê-lo, deve ser precedido pelo julgamento de nós próprios.

Além do mais é importante mergulhar fundo em toda a densa e complexa realidade existencial dos outros. Normalmente julgamos pela aparência.

Por falta absoluta de humildade e por dose excessiva de leviandade, rotulamos mais do que julgamos: "aluno preguiçoso", "pai desnaturado", "filho degenerado", "colégio comunista", "pequeno burguês", etc. . .

Para evitarmos tais equívocos nosso Conselho de classe é inaugurado por séria reflexão à luz da Filosofia Educacional do Colégio. Cria-se desta forma clima de humildade e seriedade para o trabalho de avaliação das turmas e dos alunos.

Assim não tememos as conseqüências terríficas da máxima.

NÃO JULGUEIS, PARA NÃO SERDES JULGADOS. . .

LIVRO FATOR DE DESENVOLVIMENTO



À malha fina da sociedade de consumo nada escapa. Por isso o "aprenda sem mestre" tentava inovar propondo alternativas para o clássico conjunto professor x aluno. Tínhamos então, um crédito à inteligência do candidato comprador, o que estimulava o consumo.

Depois veio a "lição para amadores" apoiado num sentimento de hobby latente nos contemplados com o lazer da era industrial. A seguir o "aprenda sem fazer força", como a última tentativa de sacudir o moribundo consumidor empanturrado e incapaz do menor esforço para sua aquisiçãozinha de massa.

E o que tem isso a ver com redação?

Tem a ver na mesma medida das implicações de tudo isso com o ato de pensar e selecionar respostas numa série ampla de alternativas e não numa série limitada a cinco. E sobretudo com o exercício da independência. Mas esse exercício não pode ser praticado quando o ser humano é manipulado por sistema que exige em cultura a idolatria temporária de descargas mnemônicas.

O diálogo, a discussão, a "mão dupla", promotoras do amadurecimento reflexivo, ficam banidas para que a média de seis horas de TV imponha o silêncio. O atrofiamento que daí advém não se registra apenas na área particular da redação mas tem consequências gerais. Apenas a Língua, como código social, acusa primeiro esse empobrecimento.

Se a produção de enunciados (poéticos e não poéticos) em qualquer língua está ligada ao complexo sócio-cultural da época, por que só ela ficaria imune ao fenômeno, de baixa geral? Se o diálogo está fraco, a discussão se apequenou, o salário está baixo, o respeito está por baixo. Talvez esse argumento seja fraco porque a Bolsa está em alta, os preços sobem. .

De qualquer modo, pensar o problema da Educação e, dentro dela, algumas das suas componentes e derivadas como a redação, é pensar um pouco mais além da área que envolve escola, professor e aluno. Mesmo porque o professor não tem o poder de impedir ou obrigar o aluno a escrever corretamente. Essa perspectiva não fecha a porta para se pensar uma ação que enfrente o problema. E esse pensamento passa necessariamente pelo livro.

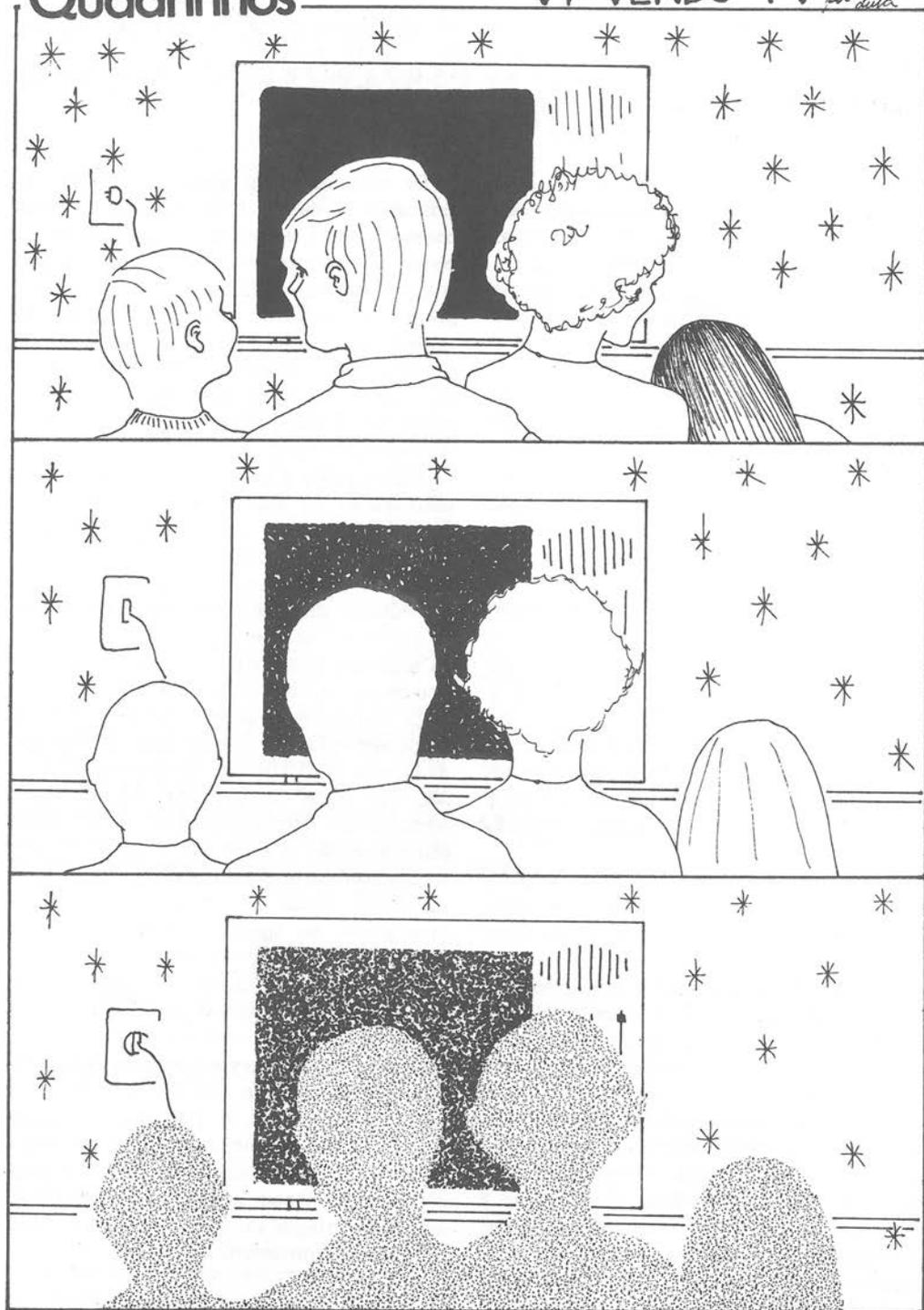
Assim como a criança aprende a ler pela visualização de algo expresso (pode ser a cartilha), aprenderá a escrever se continuar a ter contato com esses materiais (pode ser o livro). Tomando a leitura como um exercício estimulador das operações cognitivas, temos aí o mais eficaz agente para a aprendizagem da organização escrita. O livro é a fonte mais rica de abastecimento do repertório.

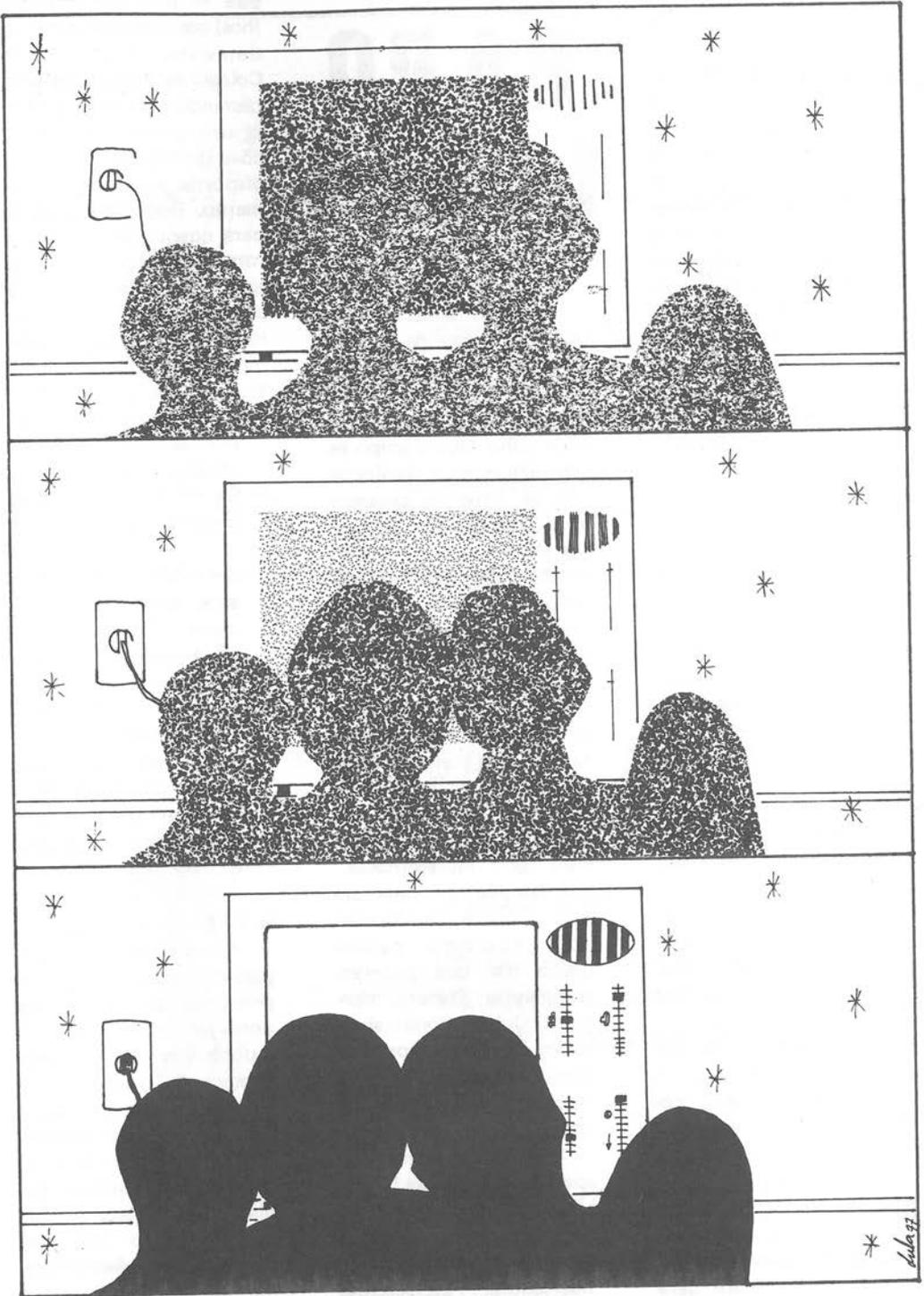
Se as funções de assimilação, acomodação e coordenação tem início antes do ingresso da criança no 1º grau e, se nessa fase, o livro não fez parte do jogo da aprendizagem, temos aí um dano (irreparável) cujas marcas acompanharão o aluno por todo o colegial.

Do confronto do texto com o repertório do aluno brota a indagação, se atrita a inteligência, se aguça a sensibilidade e se instala um processo de absorção crítica. O resto — a norma, a gramática, o professor, o pai — orienta e anima esse processo.

Portanto, o desenvolvimento da escritura pessoal começa antes e continua depois da escola. A escola não tem domínio absoluto sobre nenhuma área da Educação. Não pode haver o "aqui terminam os pais e começa a escola". Escola e pais, ajustados seus princípios, devem agir como responsáveis pela educação integral do aluno sem demarcação privativa de competências.

Anésio P. Dutra





1) NOSSAS REUNIÕES:

No dia 11 de junho estarão reunidos no Colégio São Vicente os representantes das Escolas Religiosas do Rio. Reunião de estudo promovida pela A.E.C. GB (Associação de Educandários Católicos da GB) que tem o Pe. Almeida como presidente. O tema do dia será a Realidade Brasileira que visa a motivar os educadores a participarem do Congresso da AEC do Brasil a realizar-se de 18 a 22 de julho próximo no Colégio Notre Dame — Ipanema. O destaque da reunião de 11 de junho será a presença de vários casais de pais de alunos assumindo o serviço e a parte social da organização, a convite da Diretoria de nossa APM.

2) FESTA DAS MÃES

Dia 6 de maio missa em homenagem às mães dos alunos do primário, na Matriz de São Judas Tadeu.

A Igreja repleta dava bem idéia da grande significação da data. À Presidente da APM foi oferecida uma rosa pelo Pe. Almeida e várias mães sorteadas em cada turma receberam também uma rosa dos seus filhos. Tudo preparado com muito carinho pela Professora Marlene.

No próximo ano cogita-se estender o convite a todas as mães do colégio.

3) EXCURSÕES:

Além de várias excursões mirins (de um dia ou de fim de semana) os alunos já se preparam para correr mundo durante as

P A P O L I V R E

férias. A 6ª série, liderada por um grupo de professores (Jacob e companhia), pretende reviver as cidades históricas e o Caraça de 3 a 8 de julho. Outro grupo se organiza rumo a Bariloche que se arme de coragem e... agasalhados! Não seria já tempo de — recordando o êxito do ano passado — também os pais preparar sua excursão?

4) REPRESENTANTE DE TURMA:

Vão se organizando as equipes de mães representantes. A começar pela 8ª série, as voluntárias se vão apresentando e já tiveram o primeiro contato com as "representadas" em reunião informal em suas próprias residências, com excelente participação das que puderam comparecer. Posteriormente, no Colégio foram abordados com o diretor e alguns orientadores as principais preocupações colhidas.

Não podia deixar de aparecer a turma da formação religiosa dos alunos, do contexto da filosofia educacional de educação libertadora... Esclarecidas as dúvidas, ficou patente a

utilidade de retornarem os pais (e não apenas os filhos) aos cursos de aprofundamento doutrinal. O Colégio se dispôs a fazê-lo, bastando para isso, que haja um mínimo de inscrições de pessoas realmente dispostas a tal empreendimento. Poder-se-ia indicar para quem preferir fazê-lo fora do Colégio os cursos que a própria Chama já teve oportunidade de comunicar e que aqui repetimos:

- a) Curso "LUZ E VIDA", em dois, anos, um dia por semana (tarde de sábado) à Rua Mem de Sá, nº 271 (Dispensário Irmã Paula)
- b) Curso "LUMEN CHRISTI", em dois anos, duas vezes por semana (2ª e 4ª. ou 3ª e 5ª, à tarde), à Rua Hilário Gouveia, 50
- c) Curso "MATER ECCLEIAE", em 3 anos, 2 vezes por semana, em dois locais R. S. José, nº 90 (Centro) Rua Real Grandeza nº 108 (Centro Social Feminino) Botafogo.

5) PREVISÃO DE OBRAS

A realidade não acompanhou nosso otimismo a propósito do início das obras do futuro Ginásio de esporte. Por motivos vários tivemos de rever o plano inicial e modificá-lo. Aguardamos neste momento a reformulação da lei da entidade de utilidade pública cujo projeto tramita no Congresso Nacional, conforme o desfecho, teremos de enveredar por novos caminhos. Paciência!



ALGUMA DATA A COMEMORAR?

NÃO SE PREOCUPE. CHAME O

ISIDRO



**Jantares — Recepções
Bebidas, Salgadinhos e Doços
E TODO O MATERIAL NECESSÁRIO A SUA FESTA**

**Rua Davi Campista, 35 — tel: 226-5851
Botafogo — Rio de Janeiro — RJ.**

MAGAZIN ANTONY



TUDO EM

UNIFORMES COLEGIAIS

MENINOS E MENINAS

CONFECÇÕES ESMERADAS

**Rua Machado de Assis, 74 - Loja D
(Próximo ao Largo do Machado)**



A CHAMA

Volume V — Nº 19

Junho de 1977

Rua Cosme Velho, 241

Laranjeiras — 20.000

Rio de Janeiro



231

1

A chama

ed. 19

*lala*₃₂